

AMERÍNDIA MUDIATIZADA: APONTAMENTOS SOBRE CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRAIS E SUAS RELAÇÕES COM OS USOS SOCIAIS DAS MÍDIAS.¹

Carmem Rejane Antunes Pereira.²

Resumo.

O objetivo do artigo é apresentar alguns apontamentos sobre configurações identitárias, considerando a expansão das mídias como um fenômeno planetário que amplia os lugares de memória e afeta as identidades culturais em diversos contextos históricos. As reflexões integram um conjunto de questões relacionadas à pesquisa em que procuramos aprofundar a compreensão sobre a inserção das mídias no contexto da visibilidade social ameríndia, agregando-a aos referenciais teóricos e metodológicos dos estudos de recepção midiática na perspectiva das mediações socioculturais e das matrizes culturais para investigar processos comunicacionais relacionados aos usos dos meios por internautas indígenas.

Palavras-chave

Identidades ameríndias, interculturalidade, usos sociais das mídias

Abstract.

The aim of this article is to present some notes about identity configurations, considering media expansion as a planetary phenomenon that expands memory places and affects cultural identities in several historical contexts. The reflections are part of a set of questions related to the research in which we tried to deepen the comprehension about the insertion of media in in the context of Amerindian social visibility, adding it to the theoretical and methodological references of media reception studies through the perspective of the sociocultural mediations and the cultural matrices to investigate communication processes related to the usage of means by indigenous internet users.

Keywords.

Amerindian identities, interculturality, social uses of media.

Introdução.

No presente artigo procuramos refletir sobre configurações identitárias, considerando a expansão das mídias como um fenômeno planetário que amplia os lugares de memória e afeta as identidades culturais em diversos contextos históricos. Tal fenômeno implica situar as mídias como sistema, aparato e produtos que atravessam a produção simbólica das práticas culturais, conformando uma nova forma de atuar, também entendida como cultura, em um vasto conjunto global, mas ainda em grande parte diversificado. Nesse cenário, focalizamos processos relacionados aos usos e apropriações de internautas indígenas, buscando compreendê-los a partir da atuação de uma rede de mediações comunicacionais, sociais, culturais, políticas e de matrizes ancestrais e contemporâneas no âmbito desses processos.

Um âmbito que entendemos relevante nesses processos é o que diz respeito à visibilidade das identidades ameríndias, considerando entre outros aspectos, o estabelecimento de canais de comunicação por parte de organizações indígenas através da Internet, a sua participação em redes sociais, bem como as interações entre internautas por meio do compartilhamento de textos/imagens que circulam no que denominamos momentaneamente de redes sociais étnicas³.

Utilizo o termo internauta para referir ao usuário receptor da web considerando a sua trajetória comunicacional como integrante de públicos diferenciados, já que “os públicos não nascem, mas se formam”, conforme a época em que são gerados (García-Canclini, 2008). Entretanto, a historicidade dos públicos (Pereira, 2010) e por extensão a do sujeito comunicacional, não se reduz a uma modalidade absoluta do meio, o que significa que o internauta pode ser ao mesmo tempo, leitor, ouvinte e telespectador. Interessa-nos aqui, portanto, pensar a recepção em dimensão histórica, isto é, a emergência, consolidação ou transformações dos públicos, em que o sujeito comunicacional procura ser compreendido nas suas múltiplas relações com as mídias, incluindo a participação/intervenção de grupos indígenas no espaço público midiático.

2 Interculturalidade e os contextos socioculturais da recepção

A pesquisa de recepção em sua dimensão cultural crítica traz como desafio pensar a interculturalidade, abarcando fenômenos de sentido que apresentam múltiplas relações históricas. Nessa perspectiva, os processos de configuração das identidades culturais tornam-se objeto de investigação nos processos comunicacionais e midiáticos e a recepção um espaço de construção de saberes fecundos sobre as complexas realidades geradas pelas dinâmicas socioculturais, atravessadas pela globalização e pela mediatização societária. Saberes que estão vinculados aos modos de ser dos públicos, isto é, sua historicidade, nas diversas formas como os meios de comunicação inserem-se na dinâmica cultural das maiorias, seja transformando sensibilidades, sociabilidades ou construindo imaginários e identidades.

Mattelart (2004) pensa esses desafios ao defender uma melhor consideração da cultura na chamada “era global”, quando chama atenção para a necessidade de articular pequenos objetos a grandes desafios da nossa época, tais como os territórios e as diásporas. Para o autor, a análise cultural permanece uma prioridade num mundo material e simbólico que esboça a fragmentação societária oriunda dos *desenraízamentos* no mundo do trabalho, das quebras de compromissos entre as gerações e da apologia do individualismo, não somente no sentido clássico da posse, mas da destituição da solidariedade e das utopias. Um mundo que alicerça o xenofobismo e que os meios de comunicação tendem a reforçar, como recusa às relações cosmopolitas, engendradas pelos movimentos sociais, migratórios, étnicos e minoritários (Mattelart, 2004).

Nessa perspectiva, é importante assinalar as contribuições de autores como Castells (2002), García-Canclini (1998; 2000) e Martín-Barbero (2006) que possibilitam pensar as relações entre a expansão das mídias e os processos de dinamização das identidades, visibilizando e legitimando diferenças e demandas dos grupos sociais minoritários, étnicos ou marginalizados, nas contraditórias e ambíguas relações entre o local e o global. Segundo Martín-Barbero (2006), novas figuras identitárias que emergem nesse contexto remetem, por um lado, a políticas de reconhecimento, e por outro, a tensões e rupturas provocadas pela diversidade cultural frente às bases de uma cidadania institucionalizada. Nessa conjunção de processos, aparece, então, a noção de

identidades/cidadãs, apontando para a experiência e os direitos vinculados às diversas comunidades culturais, em possibilidades de encontro e de luta contra a exclusão social, política e cultural:

Na experiência de desenraizamento que vivem muitos de nossos povos, a meio caminho entre o universo rural e um mundo urbano cuja racionalidade econômica e informativa dissolve seus saberes e sua moral, desvaloriza sua memória e seus rituais, falar de reconhecimento implica um campo básico, duplo, de direitos a impulsionar; o direito à participação quanto à capacidade das comunidades e dos cidadãos à intervenção nas decisões que afetam seu viver, capacidade que se encontra hoje, estreitamente relacionada a uma informação veraz e na qual predomine o interesse comum sobre o do negócio; e segundo, o direito à expressão nas mídias de massa e comunitárias de todas aquelas culturas e sensibilidades majoritárias ou minoritárias, através das quais passa a ampla e rica diversidade da qual são feitos nossos países (Martín-Barbero, 2006, p. 67).

As reflexões dos autores nos levam a pensar que a compreensão das identidades contemporâneas como identidades cidadãs exige o conhecimento e o reconhecimento da diversidade cultural histórica, considerando as pertenças comunitárias nas condições, demandas e expressões dos grupos e povos como modos de participação e intervenção nas esferas que afetam o seu viver. Em outras palavras, o horizonte da interculturalidade no âmbito recepção, problematiza a inserção das mídias na vida social e cultural, procurando ultrapassar uma versão fragmentada do mundo que afasta as perspectivas macrossociais. Busca-se compreender desigualdades, mestiçagens, diferenças e resistências como configurações do espaço geográfico e como marcas de um *ethos* midiaticado em contextos socioculturais e históricos, os quais“ definem o subcontinente na sua precariedade política e social, e paralelamente a riqueza cultural, teórica e histórica que oferece nossa complexidade paradoxal de arte, miséria, alegria, exploração e futuro” (Maldonado, 2005, p. 1).

3 Interculturalidade nas configurações do *ethos* midiaticado.

As noções de midiaticação e de cultura midiática contribuem na reflexão sobre a inserção da mídia na sociedade contemporânea, refletindo sobre sistemas, aparatos tecnológicos e produtos que conformam a produção simbólica das práticas culturais e dinamizam as relações societárias em diferentes e diversos contextos da existência

humana. Essa dinamização corresponderia a uma nova forma de atuar, interagir e perceber o mundo, uma espécie de cultura planetária, atuando como uma matriz, em um vasto conjunto global, mas ainda em grande parte diversificado.

A conformação dessa cultura, embora apareça como uma realidade datada pela configuração dos processos globalizadores recentes tem suas matrizes no século XIX, com a expansão da imprensa moderna, chegando aos dias atuais como modeladora de um novo desenho das interações e de estruturação das práticas sociais, marcadas pela existência dos meios de comunicação como agentes relevantes no processo coletivo de produção de significados (Mata, 1999; Verón, 1999)

A noção de midiaticização também implica pensar as mídias desde um campo social, nos seus atravessamentos, condicionamentos e tensões com outros campos (Maldonado, 2002), e nos padrões de interação e valores que demarcam uma nova ambiência perceptiva e mental.

Em Sodré (2006) essa nova ambiência   pensada como um *ethos* específico, pelo qual os meios de comunica o, tradicionais ou novos, gerariam formas de vida a partir de códigos próprios e de sugestões de conduta. Conforme o autor, essa ambiência pode ser entendida como uma qualifica o particular da vida, um novo modo de presença do sujeito no mundo e para referir-se   constru o da realidade social, não somente na dimensão normativa, mas principalmente emocional e sensorial. Abrange a hegemonia da economia midiática, mas também os relacionamentos das tecnologias comunicacionais com o aparelho perceptivo dos indivíduos, provocando um novo sentido de habitar, “no nosso espaço humano de realiza o” (Sodré, 2006, pp. 23-24).

O *ethos*, entretanto, nem sempre é concebido como realidade homog nea, problemática retomada por Maldonado (2005) ao refletir sobre o *ethos* simbólico latino-americano desde uma multiplicidade cultural, étnica e linguística que os historiadores oficiais tentaram ocultar por séculos. Essa diversidade atravessa as cosmovisões, as estruturas genéticas, as configura es est ticas, os modos e sistemas de vida social, as culturas e os processos comunicacionais; por isso, reflete o autor: “não   possível realizar imersões frutíferas nas problemáticas comunicacionais contemporâneas sem considerar as formas

e modos de vida ancestrais misturados com as formas e modos *tecnomidiáticos* de vida atual” (Maldonado, 2005, p. 3).

Seguindo essas reflexões é possível ponderar o *ethos* midiaticizado como uma ambiência comunicativa que vai se estruturando como movimento global e local em distintos espaços geográficos culturais. Nesse caminho, Ianni contribui para pensar as dinâmicas da globalização, onde as mídias exercem uma ação peculiar, porém regidas por lógicas econômicas, políticas e culturais que demarcam a nova configuração societária, em que existem novos e velhos padrões de acumulação, de exclusão e inclusão, conformados por novas de pensar, agir, sentir e fabular o mundo (Ianni, 2003). Pensar essa estruturação, leva a refletir em expansão e especificidades de uma ambiência comunicativa que produz outras sociabilidades e formas de conhecer o mundo através das relações que os sujeitos vivenciam nas trocas culturais que estabelecem nas interações com as mídias.

A noção de midiaticização das sociedades implica, assim, pensar um conjunto de mediações socialmente realizadas, entre as quais, aquelas que se referem a um tipo particular de interação e sugerem um potencial de transformação da realidade vivida, mas com características particulares de temporalidade e espacialidade, já que é uma forma que condiciona apenas “na medida em que permite *hibridizações* com outras formas vigentes no real-histórico” (Sodré, 2006, p. 21). Em relação a este processo, nos interessa refletir as configurações do *ethos midiaticizado* considerando a multiplicidade cultural e temporal dos sujeitos e a instância midiática como uma mediação que altera as formas de vidas, gerando outras formas, híbridas, mescladas, mestiças, já que somente se realiza num real histórico.

Nessa perspectiva, é importante atentar para a noção de cultura midiática empregada por Mata (1999) para refletir a midiaticização como uma matriz, uma racionalidade produtora e organizadora de sentido. Na acepção da autora, destaca-se a heterogeneidade das práticas sociais midiaticizadas, já que a capacidade transformadora da midiaticização, “se revela em grau desigual e operando distintas alterações, segundo os particulares atores dessas práticas” (Mata, 1999, p. 86) e em razão dos desiguais universos materiais, culturais e políticos em que elas se desenvolvem.

4 Configurações contemporâneas das identidades ameríndias.

As relações entre visibilidade social indígena na Internet tem como pano de fundo um fenômeno que leva a pensar nas mudanças significativas em termos de projeção de imagem ameríndia, nas últimas décadas do século passado. Das primeiras imagens que retratavam os indígenas com selvagens para fins de estudos comparativos, no final do século XIX, os registros imagéticos das culturas indígenas passaram a compor arquivos oriundos de estratégias de interiorização do Estado brasileiro, assim como a compor etnografias realizadas por antropólogos em diversas modalidades.

Entretanto, ao final do século XX, quando a imagem fotográfica adquire novas dimensões na sua forma de reprodutibilidade técnica, as representações sobre o mundo indígena também passam a ser construídos por um olhar endógeno (Tacca, 2011), na medida em que as imagens são “feitas” pelos próprios “índios” e publicizadas mediante estratégias voltadas a divulgação das culturas em sites e redes sociais. Mudanças que, de certa forma, remetem as reflexões de Walter Benjamin (1996) sobre as relações dos meios de comunicação com as transformações da percepção e das narrativas da experiência humana.

Nesse cenário contemporâneo, materialmente, pode-se observar um conjunto de produções que incluem impressos, mas tem alcançado um ritmo crescente através de relatos, vídeos, fotografias que compõem imagens digitais e podem ser avaliados como documentos estratégicos ou arquivos de uma memória comunitária e política que também circula na Internet através de redes sociais ou sites⁴. Constatamos marcas desses usos em pesquisa anterior (Pereira, 2010), e em observações atuais que possibilitam pensar em configurações específicas da identidade cultural, desde uma multiplicidade de imagens que imbricam a luta pela terra e a afirmação étnica indígena, entre outras mediações relevantes na tessitura de autorrepresentação das culturas/identidades indígenas.

Marcas dessas configurações podem ser observadas em registros coletados em redes sociais como o *Facebook* (novembro de 2013), nos quais uma liderança Kaingang do Sul do Brasil faz uma reflexão sobre a conjuntura das lutas indígenas e ao mesmo tempo reforça o caráter guerreiro que lhe distingue na sua tradição étnica. A partir do relato e

sua mensagem explicitada na linha de tempo do perfil ameríndio, há que atentar para uma construção que se processa ao longo de várias postagens, através de imagens/textos que exprimem o “sentimento” indígena em um contexto de denúncias e mobilizações desencadeadas no Brasil nos últimos anos.

Ainda nessa construção, pode-se observar a mobilização de fronteiras, no sentido atribuído por Barth (1998) para definir os realces da diferença cultural e a emergência da voz ameríndia em configurações que possibilitam pensar a sua expressão como representação endógena e como autodeterminação. Tais configurações implicam, dessa maneira, refletir os usos das tecnologias de comunicação nas agências ameríndias, em seus modos de conferir materialidade e permanência histórica a sua “cultura” Sahlins (1997), isto é, nos processos em que a continuidade das culturas consiste nos modos específicos pelos quais elas se transformam. Nesse sentido, a cultura também se reveste da tradição, ou das tradições, como processo seletivo do passado e como atividade criadora sobre o passado frente às circunstâncias as quais se defronta.

Assim, ao avaliarmos a circulação das imagens ameríndias na Internet, consideramos o contexto pessoal, grupal e político da sua produção, bem como as interações suscitadas pelos gestos que singularizam tais imagens. Imagens, ou imagens/ textos, podem ser entendidas então como sinais de uma vasta ordem de fluxos sócio-técnicos-humanos, que dariam origem a configurações identitárias no âmbito do que vem sendo discutido como uma possível esfera pública interconectada, no que isto implica em visibilidade de demandas, autoafirmação, intercâmbio entre os atores e compartilhamento de memória.

No conjunto de mediações relevantes que estruturam a produção, a circulação e o reconhecimento das imagens temos que considerar ainda a emergência do movimento indígena - ainda pouco abordado pelos estudos de movimentos sociais no Brasil – levando em conta o protagonismo indígena, em suas várias manifestações, a partir de um processo de conscientização étnica, coletiva e política da luta social orientada contra as diversas formas de desrespeito à cultura e aos direitos dos povos originários (Santos Bicalho, 2010).

Dessa forma, ao investigar as configurações identitárias ameríndias, consideramos a expansão da cultura midiática, procurando compreender a participação/intervenção de

grupos indígenas no espaço público midiático e os modos pelos quais essa participação expressa a historicidade dos públicos. Isto é, o modo como essa cultura planetária afeta os modos de ver e de ler do sujeito e como os públicos na sua dimensão coletiva acabam interagindo com uma ambiência, construída pelas mídias, buscando promover a visibilidade indígena, frente a um contexto de relações interculturais assimétricas e aos processos de inclusões excludentes de uma sociedade multicultural e desigual (Santos, 2006).

4 Interculturalidade na experiência da recepção.

Para investigar a historicidade dos públicos, em seus modos de ser e nos entrecruzamentos culturais que constituem os processos comunicacionais, levamos em conta as contribuições de Martín-Barbero que reflete sobre a espessura cultural dos meios, procurando compreendê-la a partir das mediações, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a sua materialidade social e expressividade cultural (Martín-Barbero, 2003). De forma propositiva à televisão, mas sugestiva a outros objetos pertinentes a análise cultural dos meios, o autor propõe como lugares de mediação, o cotidiano familiar, a temporalidade social, a competência cultural e os gêneros, como mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo, dos formatos e as do sistema de consumo, dos modos de ler e de usar.

Segundo o autor, o peso cultural dos meios ainda deve ser avaliado nas contradições da modernidade latino-americana, nas desproporções entre a sua ocupação no espaço social e a ausência de espaços políticos de expressão e negociação dos conflitos, da não representação no discurso da cultura oficial, da complexidade e diversidade dos mundos da vida e dos modos de sentir das suas gentes.

Nessa perspectiva, entende-se que, para compreender a historicidade dos públicos é necessário considerar a recepção como *espaço praticado*⁵, evitando uma visão *midia-cêntrica* da cultura, onde tudo o que se possa pensar do cultural será objetado pelo que se passa nos meios. O que se chama públicos constitui uma realidade ampla e multicultural e por isso nas suas configurações históricas exige entender as matrizes

culturais como estruturantes dos processos comunicacionais que incluem os meios, mas vão além desses, na sua dimensão tecnológica e mercadológica.

Williams oferece uma noção produtiva para pensar as matrizes culturais como manifestações ativas no processo cultural, considerando as inter-relações complexas entre movimentos e tendências dentro ou além de um domínio específico, abstrato, para evitar, no âmbito da análise histórica, definições estáticas de uma época, ou tanto pior, excluir evidências marginais, incidentais. Portanto, se pensar-se que uma época ou uma cultura apresenta definições sociais próprias, é preciso compreender que na sua dinâmica interna, nas suas conexões com o passado e o futuro, exprime características de formas culturais dominantes, residuais ou emergentes.

Segundo o autor, “qualquer cultura inclui elementos disponíveis do seu passado, mas seu lugar no processo cultural contemporâneo é profundamente variável” (Williams, 1979, p. 125). Nesse sentido, o residual se diferencia do *arcaico* que é totalmente reconhecido como algo do passado, podendo ser revivido, sendo que o *residual*, efetivamente formado no passado, ainda está ativo no processo cultural, não só como elemento do passado, mas como elemento do presente. O residual tanto pode ter um sentido oposto, alternativo à cultura dominante, como pode ser parte ativa da mesma. Já o emergente diz respeito aos tipos de relações que estão continuamente sendo criadas, e por isso mesmo, de difícil distinção no processo cultural como um todo.

As relações e as forças entre essas diferentes formas culturais são importantes para compreender as matrizes culturais na perspectiva dos produtos gerados pelas indústrias culturais, bem como na vitalidade dos grupos étnicos, desde as hibridações entre matrizes culturais de longa duração com referentes diversos potencializados pelos processos de globalização e midiaticização. Nesse sentido, pode-se entender as configurações identitárias ameríndias como marcas da historicidade dos públicos, nas mestiçagens de matrizes que lhes constituem e ativam o senso de continuidade entre passado e presente, construindo o sentido na cadeia da temporalidade atual⁶.

Breves considerações finais

Para finalizar lembramos que as reflexões aqui apresentadas integram pesquisa em andamento, para a qual nos valemos do aporte de outros autores e pesquisas (no campo da comunicação, Cogo, 2010; Lacerda, 2010) e pela trilha metodológica que procura aprofundar a confluência entre a recepção e a história oral (Thompson, 1992; Pollack, 1992; Pereira, 2011), a antropologia (Geertz, 1978), entre outros campos afins.

Dada a ordem social hegemônica e, ao mesmo tempo, o crescimento das organizações indígenas, entendemos que é importante indagar sobre a visibilidade dos grupos étnicos, atentando para a configuração das identidades ameríndias no espaço público midiático, considerando suas ambiguidades e possibilidades. Nesse sentido, a pesquisa de recepção pode contribuir para o conhecimento de culturas e demandas que remetem tanto a maiores pobres e minorias étnicas do que temos pensado como diversidade cultural na América Latina. Pode ainda fortalecer a perspectiva intercultural, inspirando metodologias ou como horizonte interpretativo das dinâmicas culturais feitas de intercâmbios e conflitos, mestiçagens, considerando o lugar que as mídias ocupam na conformação do campo comunicativo, também entendido como arena de sentido, fazendo circular uma gama de sentidos nem sempre reconhecidos pelo sujeito que interage nesse espaço como ator/fabricante⁷ de outras versões da sua negação histórica.

Referências.

Articulação dos Povos Indígenas da Região Sul – *Arpin Sul*. (2013, novembro)
Disponível em: <http://www.arpinsul.org.br>

Barth, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. (1998) In: Poutignat, P.; Streiff-Fenart, J. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp.

Benjamin, W. (1996). *Magia e Técnica Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense.

Bonin, J. A. (2008). A dimensão metodológica na pesquisa comunicacional e os desafios da observação em perspectiva histórica. In: Bonin, J.A.; Maldonado, A. E.; Rosário, N. M. (org). *Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB.

Castells, M.(2002).*O poder da identidade: A era da informação: economia, sociedade e cultura*. v. 2 São Paulo: Paz e Terra.

Certeau, M. (2004). Artes do fazer. 1. In: *A invenção do cotidiano*. 6. ed. Petrópolis: Vozes.

Cogo, D. ; Brignol, L. D. (2010). Redes sociais e os estudos de recepção na internet. In: XIX Encontro Anual da Compós- Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2010, Rio de Janeiro. *XIX Encontro Anual da Compós*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio,v. 1. p. 1-15.

García-Canclini, Nestor.(1998).*Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Edusp.

(2008). *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras.

Geertz, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

Harvey, D. (2002). *Condição pós-moderna*. 11. ed. São Paulo: Loyola.

Ianni, O. (2003). *Enigmas da modernidade mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Lacerda, J.S. (2010). El proceso de digitalización y la Sociedad de la Información. In: Pereira Valarezo, Alberto.; Maldonado, Alberto E.. (Org.). *La investigación de comunicación en América Latina*. 1ed. Quito-Ecuador: Fondo Editorial FACSO-UCE, v. , p. 147-168.

Maldonado, A. E. (2005). Multiculturalismo na América Latina. Confluências e conflitos no espaço televisivo regional. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*. São Leopoldo, v. 7, n. 3, set/dez. Unisinos. p. 165- 174

Maldonado, A. E. (2002). Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. *Ciberlegenda*, n. 9, ano IV, 2002. Disponível em:<www.uff.br.ciberlegenda>. Acesso em: 20 nov. 2009

Martín-Barbero, J. (2003). *Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed., Rio de Janeiro: UFRJ.

Martín-Barbero, J. (2006). Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: Moraes, D. (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad.

Mata, M. C. (1999). De la cultura massiva a la cultura mediática. In: *Diálogos de la Comunicación*, Lima n. 50.

Mattelart, A.; Neveu, É. (2006). *Introdução aos estudos culturais*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial.

Pereira, C. R. A. (2011). Narrativas identitárias Kaingang: apontamentos sobre o uso da história oral na pesquisa em comunicação. Apresentação de Trabalho no GT Identidades Coletivas ou Regionais. *VI Encontro Regional Sul de História Oral - Narrativas, Fronteiras e Identidades*. Pelotas: UFPel.

Pereira, C. R. A. (2010). *Processos Comunicacionais Kaingang: configurações e sentidos da identidade cultural, memória e mídia em perspectiva histórica*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação Unisinos. São Leopoldo. 274 f.

Pollack, M. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10. pp. 200-12.

Renesse, N. (2011). *Perspectivas indígenas sobre e na internet: ensaio regressivo sobre o uso da comunicação em grupos ameríndios do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social USP. São Paulo.

Sahlins, M. (1997). O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte II). *Mana*, Rio de Janeiro, v.3, n. .2, out. p.103-150

Santos Bicalho, P.S. (2010). *Protagonismo Indígena no Brasil: movimento, cidadania e direitos (1970-2009)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação do Departamento de História (ICH) Universidade de Brasília. Brasília. 468 f.

Santos, B. S. (2006) Nuestra América: reinventar um paradigma subalterno de reconhecimento e redistribuição Cp. 6. In: *A gramática do tempo/para uma nova cultura política*. Volume 4. Porto: Afrontamento.

Santos, M. (2004). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp.

Sodré, M. (2006) *Eticidade, campo comunicacional e midiatização*. In: Moraes, D. (org.). *Sociedade midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad.

Tacca, F. (2011). *O índio na fotografia brasileira: incursões sobre a imagem e o meio*. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, Mar 2011, vol.18, no.1, p.191-223. ISSN 0104-5970. Acessado em 23 de novembro de 2013 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702011000100012&lng=pt&nrm=iso

Thompson, P. (1992). *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Verón, E. (1999). *Esquema para el análisis de la mediatización*. Diálogos de la comunicación. Lima: FELAFACS.

Williams, R. (1979). *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar.

¹A primeira versão deste artigo foi apresentada no GP Comunicação para a Cidadania do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM 2013), em setembro de 2013, na cidade de Manaus-AM, Brasil.

²Pós-Doutoranda no PPGICH-UFSC/Brasil, membro dos Grupos de Pesquisa Processocom /UNISINOS e NAVI/UFSC; e Red AMLAT. e-mail: carmem.pereirasm@gmail.com

³Tais redes são pensadas a partir da atuação de entidades como a APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) da qual faz parte a ARPINSUL (Articulação dos Povos Indígenas do Sul do Brasil), que tem entre seus membros representantes da etnia Kaingang, Guarani e Charrua.

⁴Renesse(2011), em levantamento parcial realizado até julho de 2011, registrou 77 mídias eletrônicas com acesso público na web. Em levantamento realizado até julho de 2010, registrou 113 pontos de acesso à Internet em comunidades indígenas, no Brasil.

⁵*Espaço praticado* é uma construção heurística que remete a diversidade dos significados do espaço e do tempo (Harvey, 2002); o espaço construído em torno de fluxos (capital, informação, tecnologia, imagens, sons, símbolos) (Castells, 2002); o espaço como lugar, híbrido, como metáfora do cotidiano (Santos, 2004).

⁶ A perspectiva de Williams tem por base o processo cultural na sua dimensão histórica. Definir os elementos do residual e do emergente é um meio de compreender o dominante, sendo que “nenhuma cultura dominante ... inclui ou esgota toda a prática humana” (Williams, 1979, p. 128).

⁷Essa aglutinação remete à noção de atores em Castells (2002) abordando o surgimento de identidades de resistência ou de projeto em que a etnia aparece como “um ingrediente essencial tanto de opressão como de libertação”, mas não exclusivo, de movimentos que conjuntam outras identidades comunitárias. Ao mesmo tempo remete à noção de praticantes (Certeau, 2004), nos modos de criar redes de *antidisciplina* em que a experiência cultural não estaria despregada da história.